REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

SE MEU FILHO NÃO FALA CRIOULO, COMO ELE VAI TER UM RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA? - REFLEXÕES SOBRE CULTURA E IDENTIDADE DO SUJEITO MIGRANTE A PARTIR DA ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA

IF MY SON DOESN'T SPEAK CREOLE, HOW WILL HE HAVE A RELATIONSHIP WITH HIS FAMILY? – REFLECTIONS ON THE CULTURE AND IDENTITY OF MIGRANT INDIVIDUAL THROUGH ANA MAE BARBOSA'S TRIANGULAR APPROACH

Vítor Macedo
Universidade Feevale – Novo Hamburgo, RS/Brasil

Laura Ribero Rueda
Universidade Feevale – Novo Hamburgo, RS/Brasil

Aurora Alcaide Ramírez
Universidad de Murcia, Espanha

Resumo: No presente artigo são apresentados resultados de propostas de arte/educação que viabilizavam a construção de um ambiente acolhedor para migrantes participantes de um projeto integrado no município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Para isso, foram realizadas práticas de arte/educação com objetivo de proporcionar diálogos e reflexões acerca da cultura dos educandos. Como metodologia foi utilizada a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) para a construção das propostas. Conclui-se que por meio da triangulação foi possível propiciar novos territórios que fizeram com que os sujeitos explorassem a arte e a cultura, alcançando os sujeitos de forma a romper o limite dos encontros.

Palavras-chave: Arte/educação. Abordagem triangular. Migrantes**.**

Abstract: This article presents the results of proposals for art/education that enabled the creation of a welcoming environment for migrants participating in an integrated project in the municipality of Novo Hamburgo, in Rio Grande do Sul. For that reason, art/education practices were carried out with the aim of fostering dialogues and reflections on the students' culture. The Triangular Approach by Ana Mae Barbosa (2010) was used as the methodology for developing the proposals. It was concluded that through Triangular Approach it was possible to create new territories that allowed individuals to explore art and culture, reaching them in a way that transcended the limits of encounters.

Keywords: Art/education. Triangular approach. Migrants.



INTRODUÇÃO

As migrações fazem parte da história da humanidade, na contemporaneidade os deslocamentos acontecem por motivos diversos e mesmo com a pandemia em 2020 os números de movimentações internas e entre países têm aumentado. No relatório de 2022 da Organização Internacional para as Migrações (2021) foi contabilizado aproximadamente 281 milhões de migrantes, além disso o número de realocações internas é de 55 milhões. Houve um aumento de mais de 128 milhões de pessoas migrando desde a década de noventa e mais de três vezes o ano de 1970 (OIM, 2021).

O Brasil é um destino para muitas pessoas que veem oportunidades na vida dentro do país, no entanto a adaptação nem sempre é fácil por conta das diferenças culturais e de convívio. Ainda que o país seja uma nação com uma cultura diversa, o contato com pessoas de fora pode se dar de uma forma adversa. Nessa perspectiva, o sujeito migrante pode ser tido como o Outro, aquele que foge a noção do “nós”, ou seja, passa a não pertencer ao grande grupo. Os sujeitos nativos a determinado contexto passam a ter tradições e costumes em comum, promovendo uma noção de pertencimento em um espectro macro. Quando pessoas de fora deslocam-se para dentro deste círculo carregando outros símbolos e vivências culturais, ocorrem movimentos de exclusão por parte dos receptores para que o grande grupo não seja contaminado e afetado por culturas diferentes das suas (ELIAS; SCOTSON, 2000). Tais relações se dão por meio de assimetrias de poder que constituem identidades sociais que corroboram na criação de estigmas em relação ao Outro, de modo a criar uma imagem estagnada de si, muitas vezes reproduzidas pelos próprios grupos a quem eram projetadas. Esse processo produz ideologias que procuram demonstrar uma suposta superioridade por parte de quem o reproduz, nesse sentido, afetando os sujeitos a quem são direcionados tais discursos, assim tornando-os estranhos e os excluindo de possibilidades de inserção no contexto em que buscam adentrar (ELIAS; SCOTSON, 2000). Entretanto, este Outro, caracterizado como fora do comum, compõe mais de 3,6% da população. Estima-se



que uma em cada trinta pessoas é migrante (OIM, 2021). Segundo a Agência da ONU para Refugiados (2023), o Brasil assinou em 1952 a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados que buscava estabelecer acesso a direitos como trabalho, moradia, educação e cultura, para os migrantes da época. Entretanto, com os números que têm aumentado, mesmo considerando a pandemia da COVID-19, atualmente há uma necessidade de políticas públicas de acolhimento para migrantes que chegam ao território brasileiro.

No ano de 2014, chegavam migrantes de países que divergiam do contexto histórico de migração alemã e italiana do município de Novo Hamburgo, localizado na região metropolitana do Rio Grande do Sul. Eram pessoas de países como Senegal e Haiti que chegavam na região. Muitas destas estavam em situações precárias. Na época, o município carecia de políticas públicas para atender imigrantes e refugiados, porém mesmo assim com o intuito de buscar ajuda, os migrantes procuravam a prefeitura. Entretanto, existia uma barreira linguística que impedia os migrantes de se comunicarem com a comunidade e com o poder público, uma vez que o português não era a sua primeira ou segunda língua.

A partir disso, o poder público entrou em contato com uma universidade da região para que auxiliasse com a comunicação entre a comunidade e os migrantes (CARDOSO, 2016). A construção do projeto aconteceu em parceria com os próprios migrantes que apresentaram demandas e temas que gostariam que fossem desenvolvidos. Tendo como destaque o protagonismo de um senegalês que, logo nos primeiros contatos entre o poder público e a instituição de ensino, interveio para que o projeto se tornasse mais significativo para a realidade dos beneficiados das propostas. Em 2016 passaram a ser oferecidas oficinas semanais de Língua Portuguesa, História, Direito e Psicologia para os migrantes da região do Vale dos Sinos.

No ano de 2018, começaram as oficinas de Artes Visuais que tinham como linguagem central a fotografia. O objetivo era apresentá-la como uma forma de expressão e fruição artística, também como uma ferramenta de uso prático para o

dia a dia. As propostas de oficinas entrelaçavam o lúdico, a expressão, afeto e de utilitário. Os exercícios variavam desde o *lighting painting*, *selfies*, fotografia 3x4 e fotos temáticas, como Natal e outras festividades. No ano de 2020, por conta da pandemia, as propostas que antes visavam encontros semanais presenciais, passaram para a plataforma do *Google Meet,* o que limitava, de uma forma, o ensino por conta de materiais e do contato entre os sujeitos, porém as oficinas que antes tinham a fotografia como enfoque passaram a se chamar Oficina de Criatividade, e ampliaram as linguagens para alcançar os participantes. Em 2022, o grupo contava com uma média de 50 inscritos, tendo como uma base de 10 educandos presentes semanalmente nas oficinas, em sua maioria sendo do Haiti.

A partir disso, apresenta-se a importância de projetos de pesquisa e extensão que criem tal ambiente de acolhimento para que essas pessoas se sintam integradas na comunidade local. Nesse sentido, frentes interdisciplinares permitem acolher indivíduos possibilitando acessos a direitos como o conhecimento do idioma, educação e cultura, assim tornando mais branda uma demanda pública que cada vez mais é presente na sociedade.

A construção da pesquisa se dá pela compreensão do poder transformador que a cultura possui de facilitar a integração entre pessoas, principalmente considerando os atuais tempos de indiferenças e exclusão. Procura-se conceber por meio da arte/educação caminhos para a inclusão e diálogos entre culturas considerando o Outro. Nesse sentido, utiliza-se da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) nas Oficinas de Criatividade para desenvolver propostas com artes e cultura que busquem um ensino significativo com os sujeitos envoltos nela. Através da triangulação do contextualizar/fruir/fazer artístico de Barbosa (2010), foram elaboradas ações artísticas que visavam reflexões acerca da cultura e identidade dos migrantes participantes do projeto nas Oficinas de Criatividade. Para coleta de dados da pesquisa, utiliza-se de práticas de arte/educação realizadas em encontros *online* no primeiro semestre de 2022.

No primeiro capítulo apresenta-se o conceito de arte/educação com enfoque na Abordagem Triangular, sendo desenvolvidos possíveis fios norteadores para um Ensino de Artes inclusiva voltado ao Outro. Ao longo do capítulo levantam-se caminhos possíveis para tornar a arte horizontal através de práticas pedagógicas. Para isso, indaga-se a respeito de referências artísticas/teóricas e abordagens que fujam de uma lógica colonizadora e excludente, dando ênfase na importância de o educador ampliar o repertório cultural e pedagógico com um olhar voltado a horizontalização da arte para o Outro. Como aporte para tais discussões usa-se do conceito de experiência relacionado com a arte no cotidiano de Dewey (2010). Utilizando de Ana Mae Barbosa (2000, 2010) e Pimentel (2017), dentre outros, para construção de abordagem que promove o cruzamento entre Ensino de Artes, educação e cultura.

No capítulo seguinte apresenta-se o contexto do grupo de migrantes participantes de um projeto integrado no município de Novo Hamburgo na região metropolitana do Rio Grande do Sul, desde sua formação até o período mais próximo da atual pesquisa no ano de 2022. O terceiro capítulo conta com as práticas e resultados obtidos, relacionando por meio dos aportes teóricos do capítulo anterior de arte/educação, tendo como enfoque de reflexão uma mensagem enviada via *Whatsapp*, após o encontro. São desenvolvidas ideias sobre o afastamento da cultura dos sujeitos que estão fora do seu país e passam a viver em uma nova nação, e quais movimentações podem ser realizadas para dialogar com a cultura local/natal destes. Coloca-se em perspectiva uma abordagem facilitadora do contato entre cultura e migrantes com objetivo de compreender como as manifestações e trocas culturais podem inseri-los no contexto em que vivem. As bases teóricas acerca de cultura/identidade são de autores como Patrick Charaudeau (2009), Stuart Hall (2006) e Frantz Fanon (2008). Por fim são apresentadas as conclusões da pesquisa, onde busca-se ampliar horizontes para futuras abordagens de arte/educação voltadas ao Outro partindo da prática realizadas com o grupo migrantes da região do Vale dos Sinos.

1 CONSTRUÇÃO DE ABORDAGEM EM ARTE/EDUCAÇÃO VOLTADA PARA O OUTRO

O mundo tem passado por crises diversas, crises sanitárias, econômicas, sociais, políticas e culturais. A educação, em seus diferentes âmbitos tem possibilidade de nortear o debate e conscientização acerca destes temas, além de propiciar voz para aqueles que estão no centro destas discussões. Considera-se importante ressaltar quais são os diversos âmbitos de ensino, pois a educação básica tem um público definido, de grande importância de atuação, porém contextos como da EJA, projetos comunitários e de extensão atingem indivíduos e grupos, muitas vezes, não contemplados dentro do ensino básico.

A partir disso, trazem-se possibilidades de abordagens para uma arte/educação como instrumento potencializador cultural do Outro. No contexto da proposta em questão, estes considerados como “Outro” são migrantes participantes de um projeto integrado, voltado ao acolhimento e inserção destes indivíduos no contexto do Vale dos Sinos. Apesar de ter esse público em foco, enfatiza-se que, desde que se adeque temas e ações, a arte/educação, que se propõe a construir tem o intuito de aproximar o Outro com a arte, e inseri-lo, por meio dela, no contexto local em que se encontra. Desta forma, não se limita apenas ao público de migrantes. Este capítulo tem o objetivo de construir uma Abordagem Triangular voltada ao Outro, utilizando de referenciais teóricos da arte/educação e também da área da educação, além de trazer reflexões acerca dos caminhos possíveis para construir tal abordagem a partir de um olhar voltado aos arte/educandos. as ações artísticas e do arte/educador.

Segundo João Francisco Duarte Jr (2019), a arte/educação para além de ensinar sobre arte, é uma forma de construir conhecimento significativo através da arte. Por entender que a arte faz sentir, a arte/educação seria o ensino que contamina os educandos por meio sentir arte, do fazer e refletir sobre temas e questões acerca dos indivíduos em contato com ela (DUARTE JR, 2019). Quando se fala em sentir, não deve se confundir com o espontaneísmo ou a arte como um



simples grito da alma em sala de aula. Tata-se de buscar construir conhecimentos por meio da cultura, respeitando e potencializando o indivíduo, vivenciando a arte, no contexto de uma proposta educacional voltada a desenvolver o sentir e o subjetivo, não ao acaso, mas de uma forma responsável, como destaca Ana Mae Barbosa (2008). A subjetividade e as manifestações do ser humano são complexas, o meio que a arte permite trabalhá-las deve propor espaços e momentos de reflexão. Limitá-las a espontaneidade deve ser encarado como uma noção de simplificação de planos que constituem e tornam o ser humano, que ele é. As manifestações culturais fazem parte da história da humanidade, cada povo possui as suas e são diversos os motivos delas existirem, então resumir a arte em sala de aula apenas voltada ao momentâneo é repercutir as subjetividades daqueles, a volta da arte/educação como algo simples e finito.

A proposta de triangulação do ensino de artes em perspectiva, é uma forma de orientar a construção de conhecimento do arte/educador em conjunto com os educandos no ambiente em que estão inseridos, em sua essência. Está aberta e inacabada para que se pesquise a partir/em conjunto dela. Nesse sentido, esta característica a permite receber contribuições e estar em constante movimento, o que a torna uma possível resposta ao cenário contemporâneo (RIZZI; SILVA, 2017). Os conceitos de arte/educação em panorama são importantes para composição de uma interpelação de propostas culturais voltadas ao Outro, corrobora-se com o conceito de dialogar com outros teóricos e aspectos de reflexão, históricos, sociais e culturais que colaboram para a construção, uma vez que a arte tem amplas possibilidades com diversos campos específicos, o que a constitui numa manifestação cultural e área de pesquisa em constante transformação (PIMENTEL, 2015).

Iniciando as reflexões e desdobrar conceitualmente a Abordagem Triangular, são três pontos que a constituem: a fruição, contextualização e o fazer artístico. Sendo que não existe uma ordem exata a ser seguida, e há possibilidade de diluí-las. Por exemplo, utilizar a contextualização e fruição ou o fazer artístico e



contextualização juntos sem precisar que sejam três momentos dentro de uma aula. Isso pode acontecer desde que haja sentido da Abordagem Triangular se modificar para alcançar determinado público. A fruição se dá nos momentos de leitura de obras, de consumo, no sentido de alimentar-se de arte, onde se propõe a alcançar percepções/reverberações artísticas acerca de objetos, vivências ou temas em debate. A fruição permite ampliar a bagagem cultural do sujeito, por mostrar um contexto alheio ao seu ou, também, por se defrontar com subjetividades que dialogam consigo, com as quais ele não se aproxima em seu contexto diário. Para fruir/ler uma produção artística é necessário que se dê as costas para ela e recorrer as condições que permitam experiênciá-la, chegando à teoria por meio de um desvio do olhar que o próprio sujeito consiga alcançar (DEWEY, 2010).

A contextualização acontece no momento de dialogar a partir dos conhecimentos pré-existentes, do arte/educado, quando contextualizar momentos históricos, culturais e sociais sobre o tema em questão e, a partir do conhecimento dos arte/educandos ao construir a práxis de trabalho, no sentido de compreender e ler como esta dialoga com os participantes, como estes se relacionam com o ambiente, colegas, comunidade, professores, o mundo, a sua volta (BARBOSA, 2010).

Já no fazer, busca-se realizar experimentações artísticas, estéticas ou conceituais, criando uma rede de conhecimentos sobre procedimentos e técnicas (BARBOSA, 2010). A produção e o fazer artístico proporcionam uma nova forma de expressar suas subjetividades, construir de forma criativa de dentro para fora, um ambiente de acolhimento que dê voz aos indivíduos que estão ao alcance da perspectiva da arte/educação. Além de ser uma experiência direta com a arte a partir dos sujeitos, é com a realização que o indivíduo faz reflexões e as incorpora ao fazer artístico, seja material ou não, do que se está intrínseco ao ser humano. Embora libertadora, e uma ferramenta inovadora de construção de conhecimento, Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2021) argumenta que a abordagem triangular pode ser utilizada de forma a cerrar as subjetividades e afastar a arte de sujeitos não



produtores dela, por referenciais que os professores utilizam em sala e aprendem em sua formação desde a universidade, uma vez que tais referências são de fora do seu contexto, o que naturalmente acaba afastando prática/teoria dos educandos, na grande maioria são cânones da história da arte da Europa e Estados Unidos.

Dessa maneira, o arte/educador possui um papel de nortear momentos como esses a fim de facilitar o diálogo entre sujeitos e arte, ampliando o repertório, para além da Arte clássica estudada, que compõe o currículo das instituições de ensino, para a arte popular, artesanato e arte digital (PIMENTEL, 2011). Este movimento pode tornar o conceito e mesmo a leitura de obras mais próximo dos educandos, porém ressalta-se que esse movimento não é de exclusão da Arte clássica, mas sim uma forma de amplificar a bagagem cultural do arte/educador e a própria noção de arte para torná-la mais acessível, já que, abraçando linguagens que estão à margem do tradicional circuito das artes, colocando-as ao alcance, quando anteriormente não estavam, por acesso ou afinidade. Uma vez que noções eurocêntricas de cultura que adentram os currículos e instituições de ensino, e acabam por afastar o Outro de possibilitar ler e compreender tais códigos culturais, a arte/educação pode versar e facilitar este encontro para tais sujeitos, mas antes de entender o Outro é necessário o conhecimento de sua própria cultura e onde ela está inserida (BARBOSA, 2000). O colonialismo cultural ainda é uma marca forte na América Latina, o que impede de se valorizar a própria cultura latino-americana, no ensino ainda impera a intenção de utilizar modelos europeus e norte-americanos sem uma devida correspondência com o contexto histórico e social em que se ensina (BARBOSA, 2018).

Para que seja possível realizar um movimento de arte/educação que repense o colonialismo cultural é necessária uma abordagem que vá de encontro aos mitos colonizadores, buscando uma proposta crítica voltada a leitura histórica que parta, primeiramente, do educador voltado as suas práticas, referências e abordagens, e posteriormente adentre a sala de aula para que então seja trabalhado com os educandos tais movimentos (BARBOSA, 2018). A expansão do tradicional ao



contemporâneo busca retirar o melhor, no sentido de poéticas e fruição dessas culturas visuais, do passado e trazer o contexto e temas do presente. Com o cenário contemporâneo de digitalização da informação, o professor há de considerar uma abertura de referenciais artísticos/teóricos que ampliem seu olhar para a contemporaneidade. Principalmente considerando o fazer artístico que pode não ter sentido para os educandos de agora do século XXI com referenciais de culturas, em sua maioria dominantes, que não dialogam com as suas realidades, pois não produzir a arte do/no agora seria ainda um movimento de colonização da subjetividade destes sujeitos (BESSA-OLIVEIRA, 2021).

No ambiente de arte/educação reconhece-se que a aproximação de objetos artísticos é uma questão que deva se dar atenção, entretanto a ação e pensamento artístico podem acontecer para além do objeto, o fio condutor que se propõe é da aproximação entre a arte e o Outro com o objetivo da inserção destes no contexto regional. Para isso podem ser realizadas práticas voltadas a trocas por meio da conversação para formar uma dinâmica de ação artística que permita o desenvolvimento dos participantes com a arte, seja no fazer material ou imaterial. Pois os saberes tidos como populares, subjetivos e que mesmo não reconhecidos pela academia, não devem ser retirados da lógica de produtores de conhecimentos, ainda que não seja uma produção oficial científica, elas são materiais culturais ricos enquanto referenciais artísticos (BESSA-OLIVEIRA, 2021).

O fazer artístico proposto é utilizado na Abordagem Triangular em perspectiva, procura dar ênfase para o conhecer-se por meio da ação artística, isto é, potencializar através do fazer/contato com arte as suas subjetividades em busca de uma imersão em si (PIMENTEL, 2017). À vista disso, há de se manter uma postura atenta em relação ao mergulho em si. A trajetória de cada indivíduo é singular e não há como prever quais foram os caminhos traçados para se chegar até o presente, por isso o arte/educador é um mediador e não deve impor temas a serem trabalhados que fujam da realidade ou mesmo que sejam representações de estigmas colonizadores. Retoma-se a importância de aproximar a ação artística



independente de um objeto para que, subjetivamente, os sujeitos participantes compreendam-se como fazedores de arte, mesmo que no sentido conceitual, através da fala e troca de vivências, para que haja uma realização intercultural do conhecimento.

2 CONTEXTO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

As migrações podem ser consideradas como parte da essência da humanidade, porém o cenário de diásporas das últimas duas décadas apresenta novos panoramas e movimentações complexos, influenciados por crescentes transformações sociais, culturais, econômicas e culturais afetadas por crises de estados-nações, conflitos políticos, do frenético desenvolvimento do capitalismo e as consequências do colonialismo e imperialismo (ROSA; MATTEDI, 2020). Encontrar um único motivo que norteie, e que justifique, se torna cada vez mais dificultoso neste cenário contemporâneo, segundo dados da OIM no Relatório Mundial sobre Migração de 2022. Estima-se que 281 milhões de pessoas vivem fora dos seus países de origem, sendo que um equivalente a 3,6% da população mundial, teve um aumento de mais de 60 milhões desde 2010, mesmo com o contexto de pandemia, que dificultou a movimentação tanto dentro quanto entre países a partir de 2020.

Até o momento de início do projeto, em 2014, não existiam políticas públicas específicas que visavam o atendimento de migrantes (CARDOSO, 2016). Uma forma que algumas destas pessoas encontravam para procurar ajuda era se aproximar do poder público do município, entretanto existia uma grande barreira linguística que atravancava a comunicação, uma vez que nesses países o português não é segundo idioma.

Sendo assim, o poder público do município de Novo Hamburgo apresentou para uma instituição universitária a necessidade de auxílio com a comunicação afim de facilitar a integração dos migrantes na comunidade. A partir disso houve uma aproximação da universidade e município para construir o projeto voltado a inserção de migrantes no contexto local. Além das instituições públicas e privadas, os



próprios migrantes foram centrais no início para a construção do projojeto, uma vez que as demandas e sugestões entorno das atividades partiram deles, o que tornou mais significativo a construção do projeto. Como destaque dentro desse movimento houve um ativismo feito por um senegalês que foi fundamental no início do projeto por levar pautas e outros migrantes para dentro do projeto.

Em 2016, o projeto voltado a integração dos migrantes da região do Vale dos Sinos teve início com as oficinas semanalmente, a base do projeto era a oficina de Língua Portuguesa para possibilitar que os estrangeiros compreendessem e comunicassem no idioma. Como forma de proporcionar a autonomia dos migrantes em outras áreas, oficinas de realidade brasileira e legislação trabalhistas para ampliar o seu repertório acerca do novo contexto em que estavam se inserindo. Além disso, também ocorria atendimento psicossocial e orientação jurídica em questões específicas, já que a nova realidade vezes os expõe uma cultura diferente da sua, inclusive estranhamentos por parte da comunidade, ocorrendo casos de preconceito e até mesmo condições de exploração de trabalho. Nesse sentido, o projeto é uma ação que busca a inserção dos migrantes da região do Vale dos Sinos com o intuito de construir um processo de autonomia e cidadania com tais grupos (CARDOSO, 2016).

Ao longo dos anos o projeto se tornou interdisciplinar com a participação das áreas do Direito, Pedagogia, Psicologia e das Artes Visuais, esta última entrou no projeto no ano de 2018. A atuação das disciplinas se dá a partir de diferentes demandas. Por exemplo, o Direito faz acompanhamentos no campo jurídico de questões trabalhistas e legais de imigração, já a Psicologia age no âmbito de acolhimento acerca psicológica dos participantes. Áreas como Pedagogia, História e Artes Visuais desenvolvem atividades em sala. No ano de 2018, o enfoque das oficinas de Artes Visuais foi a linguagem da fotografia.

As propostas focaram em práticas voltadas a fotografia como expressão, memória e como uma ferramenta utilitária, foram desenvolvidas atividades de *lightingpaint, selfies*, dentre outras formas de expressar por meio da fotografia.

Também realizando exercícios que visavam a linguagem como ferramenta utilitária e construção de memória com fotografias temáticas, como por exemplo de Natal. Ressalta-se que por conta da distância muito destes indivíduos não possuíam fotos com familiares. Portanto, a fotografia passara a fazer parte do cotidiano dos migrantes como arte e ferramenta.

Até o ano de 2020, os encontros que aconteciam no formato presencial e mantinham o contato direto entre a Universidade e a comunidade foram afetados pela pandemia da COVID-19, fazendo com que se utilizasse do formato remoto emergencial para dar continuidade das oficinas. Sendo assim, as oficinas que anteriormente focavam na fotografia passaram a ser realizadas de forma não presencial o que ocasionou uma reformulação de propostas. A partir de então as oficinas de fotografia passaram a ser chamadas de “Oficinas de Criatividade” e ampliaram as linguagens artísticas contempladas nas atividades. Durante os primeiros meses de pandemia, os encontros online foram, de certo modo, um laboratório experimental onde iria se descobrindo aos poucos quais as melhores abordagens e propostas a serem realizadas Por exemplo, práticas artísticas necessitam tanto de um olhar atencioso do educador quanto de materialidades, fato que muitas vezes não são acessíveis em sala de aula e muito menos nas residências dos participantes.

3 “A GENTE SABE MUITO BEM QUE A LÍNGUA FAZ PARTE DA CULTURA DE UM POVO” – PRÁTICA DE ARTE/EDUCAÇÃO A PARTIR DA ABORDAGEM TRIANGULAR

As práticas que norteiam este artigo aconteceram em junho de 2022 no formato online dentro do projeto integrado com migrantes. As aulas tiveram como referencial metodológico a Abordagem Triangular de Barbosa (2010) utilizando o fazer/contextualizar/fruir artístico. No período em questão, estava sendo trabalhado com o grupo o tema dos diferentes conceitos de lar. O encontro iniciou com a contextualização (BARBOSA, 2010) acerca do conceito de lar, trazendo a ideia de

que lar é mais que uma construção arquitetônica, sendo um lugar onde as pessoas se sentem seguras através de sentimentos, experiências e outros indivíduos que criam essa segurança. Buscando compreender como esta dialoga com os participantes, e como estes se relacionam com o ambiente, colegas, comunidade e/ou professores. Assim, foi preparado o terreno em que os participantes iriam adentrar ao longo da proposta, de modo que se sentissem à vontade para conhecer e interagir com novos conceitos. O fazer artístico (BARBOSA, 2010) iniciou com a seguinte pergunta: “O que faz uma casa ser um lar?”. Então, foi realizada uma prática coletiva de transformar uma casa, no ambiente digital, através de palavras que a tornasse um lar. Dentre as respostas surgiram palavras como: “abraços, felicidade, amigos, respeito, simpatia, amor e reciprocidade”. As respostas partiam dos migrantes e professores presentes no encontro. A cada palavra escolhida, os docentes da oficina de português auxiliavam com a explicação acerca do sentido delas, enquanto visualmente a casa passava a ser construída com palavras coloridas (Figura 1).

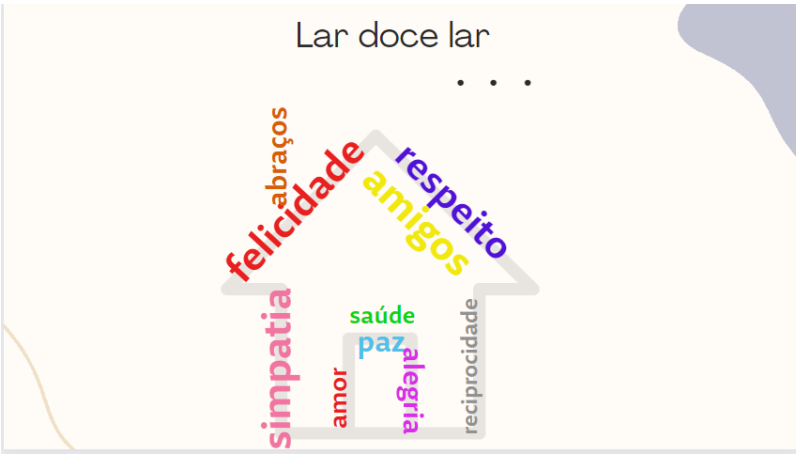

Figura 1: Registro produção da prática sobre Lar durante o projeto integrado com migrantes no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo do autor

Como material pedagógico para a fruição (BARBOSA, 2010), foram produzidos vídeos, em parceria com um projeto de pesquisa da mesma instituição,

sobre a perspectiva de senhoras descendentes de migrantes vindos do século passado. Na produção audiovisual foram realizadas entrevistas buscando compreender como se deu o processo de migração e as memórias de crescer em um ambiente que proporcionou uma interculturalidade pelo novo âmbito que estavam inseridas e a conservação da cultura de onde vinham suas famílias.

Para a prática em questão utilizou-se o vídeo[1] intitulado “Dona Gertie”, descendente de austríacos, poloneses e alemães. Dona Gertie conta no vídeo sobre as lembranças que foram marcadas pelo período pós segundos} ia ” quem falasse o idioma em sala de aula ou mesmo na rua. A cidade, ainda que marcada por um movimento migratório de alemães, anterior ao período de guerra, vivenciou o medo decorrente da segunda guerra mundial. De certo modo, no relato do vídeo é possível perceber que a professora segrega o idioma, consequentemente a cultura, dos pais de Dona Gertie, por conta do medo provocado pela tensão do momento vivido, entretanto o que se sucedeu foi uma generalização com sujeitos que não estavam ligados a guerra.

Por utilizar o português em todos os lugares que não sua casa, isso fez com que perdesse o contato com a língua de seus antecessores, fato que Dona Gertie lamenta na obra audiovisual. Como estava inserida em um novo contexto, aos poucos a sua cultura natal passou a se assimilar com a cultura local, mantendo um elo entre a história da família apesar da necessidade de adaptar-se. O seu olhar evidencia as marcas do período em que ocorreu o afastamento da cultura de seus descendentes, ainda que não tenha sido completamente apagada, a sua memória carrega a saudade e o peso dos tempos de pós-guerra.

O vídeo foi reproduzido durante uma aula online e ao longo da exibição ocorreram diversas pausas para contextualizar e facilitar a leitura da obra que também contava com legendas. Assim, o encontro foi encerrado com o conceito de lar apresentado e debatido entre brasileiros e migrantes junto a fruição do vídeo “Dona Gertie” que expôs uma perspectiva diferente acerca da migração. Desse

[1] Para acessar ao vídeo “Dona Gertie” link em < https://www.youtube.com/watch?v=hOcoiYhpcaA >

modo, a proposta corroborou a partir da fruição da obra audiovisual que apresentou diferentes vivências por meio do vídeo e dos próprios participantes do projeto. Para fruir uma produção artística é necessário que se dê as costas para ela e recorrer a condições que permitam experienciar-la, chegando à leitura por meio de um desvio do olhar que o próprio sujeito consiga alcançar (DEWEY, 2010). Após o término da aula foi enviada uma mensagem (Figura 2) por uma migrante do Haiti, no grupo de *WhatsApp* em que participam os proponentes e beneficiários do grupo. No texto se evidenciam reflexões a partir do depoimento em vídeo exibido durante a aula e os conceitos de lar.

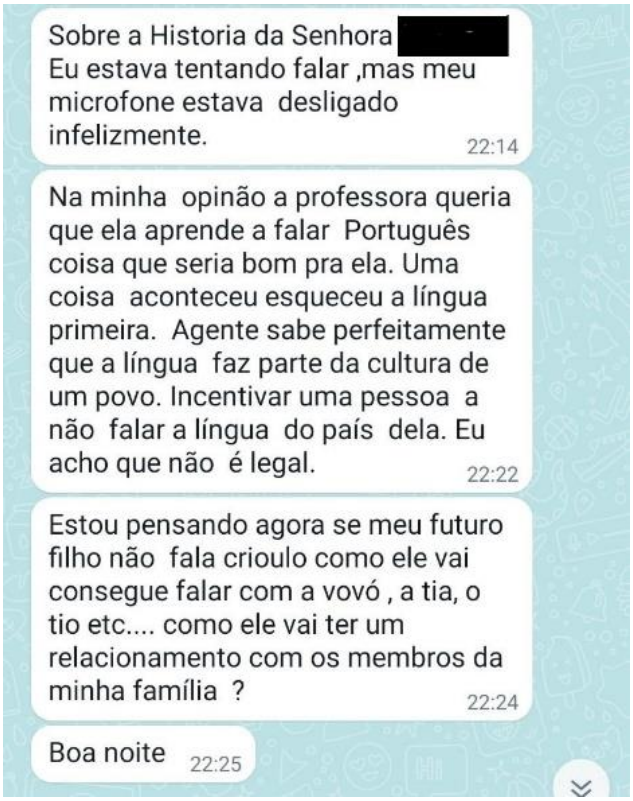

Figura 2: Mensagem enviada via *WhatsApp* após o encontro com migrantes do projeto integrado migrantes no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. Fonte: Acervo do autor



No texto a participante haitiana relaciona a sua perspectiva de migrante com o depoimento da senhora, ainda que sejam períodos históricos e culturais diferentes, há ligações entre as duas vivências. As inseguranças de ser um sujeito migrante, independente dos motivos que o fizeram se deslocar, seguem e correlacionam mesmo com a distância entre décadas. O medo de perder-se em uma nova cultura e acabar se afastando da sua nativa.

Através da arte podemos conhecer de forma representativa, a cultura de um grupo. Ela é um fenômeno que toda cultura possui, das mais antigas até a contemporânea, todas manifestam das mais diversas maneiras suas crenças, pensamentos ou ideias, e é por meio do trabalhar sobre cultura e suas manifestações que se pode ler e buscar compreender o contexto qual os sujeitos estão inseridos para que não se sintam estranhos a ele, mas sim pertencentes (BARBOSA, 2000). A representação é um espaço cultural compartilhado entre indivíduos, onde acontece a produção de significados, porém é necessário que ocorra um diálogo com os membros da cultura a sua volta para que se realize a significação desta representação (SANTI; SANTI, 2009). Posto isto, se faz necessário que se compreenda as diferenças e significações culturais as trabalhando sob um olhar de horizontalidade por meio do ensino de artes, para que sejam integradas em contextos diferentes de onde estão se inserindo.

O fazer artístico proposto e utilizado na Abordagem Triangular em perspectiva, procura dar ênfase para o conhecer-se por meio da ação artística, isto é, potencializar através do fazer/contato com arte as suas subjetividades em busca de uma imersão em si (PIMENTEL, 2017). A produção visual, cuja importância se dá para além do resultado estético, uma vez que o real produto da proposta é a troca, entre culturas que acontece entre professores e imigrantes. Nesse sentido, o planejamento transbordou o limite espacial do encontro corroborando para que mesmo com o término da aula a participante trouxesse sua leitura acerca do depoimento assistido que dialoga diretamente com sua história. Não apenas acerca



do passado, mas projetando um olhar de preocupação para o futuro da sua própria cultura.

Assim, quando a participante relaciona suas vivências com o vídeo e coloca que entende a importância de aprender o português morando no Brasil, entretanto percebe que fazendo isso houve um movimento de esquecimento do idioma de seus antepassados por parte da depoente do vídeo. Logo, aconteceu um movimento de distanciamento da cultura, isso se evidencia a partir do trecho em que escreve que “Uma coisa aconteceu, [ela] esqueceu a língua primeira [de sua família]. A gente sabe perfeitamente que a língua faz parte da cultura de um povo." A cautela acerca da sua história e cultura também é destacada quando coloca que “Estou pensando agora se meu futuro filho não fala crioulo como ele vai [conseguir] falar com a vovó, a tia [...] como ele vai ter um relacionamento com os membros da minha família?”, assim projetando o intuito de preservar o contato dos parentes que vivem longe. Importante ressaltar que mesmo sendo diferentes períodos históricos e os motivos de afastarem-se de suas culturas/idiomas, há um ponto de encontro na leitura da migrante em que projeta a mesma preocupação da senhora no vídeo. Enquanto no depoimento é apresentada a vivência de uma pessoa que deixou parte de sua cultura para trás. Já na fala da receptora está presente a preocupação com o futuro e manter a continuidade da sua história/cultura, uma vez que é por meio da linguagem que o sujeito se constitui (FANON, 2008).

O sujeito é afetado pelo ambiente a sua volta, ou seja, através da interação entre indivíduo e sociedade (outros indivíduos/grupos sociais), ele constrói sua identidade a partir de identidades que o seu exterior oferece, preenchendo o espaço entre seu mundo particular e o mundo a sua volta (HALL, 2006). Entretanto, na situação desta pesquisa o que pode ser compreendido é uma resistência que vai contra, não apenas a uma cultura dominante, mas que exalta a cultura primária que constitui a identidade destes sujeitos. Toma-se conhecimento da identidade a partir da diferença entre o eu e o outro, através de um cruzamento de olhares em que se constrói e concebe sua identidade, e há uma troca, ainda que assimétrica, entre os



sujeitos que se legitimam um ao outro (CHARAUDEAU; 2009). Nesta troca de olhares e da compreensão da diferença, o sujeito cria um processo duplo de aproximação, fazendo com que deseje um pouco do outro em si mesmo, uma fascinação acerca do outro diferente de si, e de afastamento deste diferente, uma rejeição que traz um sentimento de ameaça, o que cria um estereótipo/preconceito como uma forma de defesa dessa ameaça.

A identidade do sujeito é formada através de um vazio que é preenchido pelo exterior, como nós imaginamos ser vistos por outros indivíduos, através do nosso inconsciente a construímos ao longo da vida (HALL, 2006). A identidade é gerada e continua em construção por mecanismos complexos. Não se possui uma que seja universal, mas sim traços diversos de identidade que dialogam com os sujeitos, o que ele é, seus traços biológicos, o que o sujeito diz ser, por meio de traços psicossociais pertencentes a ele, e o pelo seu comportamento, o que se pretende ser (CHARAUDEAU; 2009).

Em vista disso, é possível perceber que a proposta de Abordagem Triangular em perspectiva possibilitou uma fruição por meio da arte/educação. Esta que realçou a visão acerca da cultura dos próprios migrantes, e na fala dos mesmos evidenciam-se ideias/conceitos que vão ao encontro de teóricos da cultura e identidade. As vivências propiciadas pelo projeto integrado, ainda que indiretamente, proporcionam o ensino do idioma e um ambiente de acolhimento para que aconteçam diálogos e olhar crítico como os da prática da pesquisa. Através da construção de uma abordagem que evidenciasse a cultura como forma de incluir as diferenças e evidenciar as múltiplas identidades dos participantes. Para além dos resultados concretos/estéticos, o posicionamento e a voz ouvida se tornam o desfecho da ação artística.

CONCLUSÕES

A arte/educação em perspectiva dentro do projeto integrado de pesquisa e extensão com migrantes, tem como proposta a construção de reflexões dos



participantes acerca da cultura e identidade por meio de um ambiente de acolhimento. O migrante vive longe de seu país e carrega consigo a sua memória e identidade que não devem ser apagadas, e a arte/educação pode utilizá-las como ferramenta principal de potencializar e permitir ao sujeito que se sinta pertencente no novo contexto em que está inserido. É importante ressaltar que não se entende que a arte/educação tenha uma postura de salvadora da cultura, pois colocaria o arte/educador em um sentido vertical em relação aos educandos. O que se coloca em proposta são possibilidades de a arte/educação mediar os sujeitos a sua volta para que se potencialize e se (re)conheça a cultura destes. Nesse sentido, o propósito das ações artísticas é de propor um olhar voltado a estes sujeitos que vai além de sanar curiosidades, mas de torná-las fontes artísticas que transbordem de dentro para fora dos sujeitos.

O contato com a arte e cultura podem ser facilitadores da integração destes indivíduos por meio do ambiente de ensino. Assim sendo, a arte/educação faz com que os educandos possam ser contaminados pela arte. Deste modo, fazendo com que estes expressem e alcancem reverberações por meio da sensibilização artística no contexto de ensino. Coloca-se em perspectiva, a arte/educação voltada ao Outro como potencializadora cultural dos sujeitos que são atravessados por ela, podendo então facilitar a inserção do Outro no contexto vigente.

De forma tradicional o caminho da arte, influenciado pelas escolas europeias e estadunidenses que configuraram referências visuais que se tornaram ideologias voltadas a erudição, enquanto aqueles que fugiam destes padrões, acabaram por serem catalogadas como exóticas e diferentes (DIAS, 2017). Contra a lógica de uma multiplicidade, muitas vezes o ensino acaba por apenas adicionar o Outro como um sujeito exótico, o diferente que assusta, essa adição passa a ser um cumprimento de algo politicamente correto quando simplifica a cultura do outro a uma mera representação, o que ocorria em exposições pensadas pelo colonizador (DIAS, 2017). Bessa-Oliveira (2021) reforça a ideia de Dias (2017) em relação ao reforço da representação do outro, no sentido exótico, quando utiliza da cultura destes



indivíduos em momentos de datas comemorativas ou se explicita a extravagância destas e não a ideia de cultura originária ou "simplesmente" de uma cultura diferente, porém não inferior.

A partir disso, foi possível perceber que a arte/educação voltada ao Outro, neste caso o migrante, constrói um novo território onde se possibilita explorar a arte e a cultura por meio dos olhares dos próprios sujeitos migrantes. Não há uma intenção de criar cartilhas que caso sejam seguidas irão democratizar o ensino de artes com o Outro, mas que aqui criem-se reflexões e se desenrolem abordagens inclusivas em arte que repensem a lógica colonizadora de ensino, partindo dos educandos e não para eles. Durante o encontro, o objetivo da aula foi voltado a apresentação do vídeo "Dona Gertie" que apresenta o depoimento de uma descendente de migrantes e do conceito de lar, além do ensino de português que é a base das oficinas. É possível realizar uma leitura de que mais do que conteúdos, a mensagem enviada por *WhatsApp* após a aula tem conceitos acerca de cultura e identidade que transbordam as barreiras do planejado e esperado. A triangulação permitiu o rompimento dos limites do encontro e continuaram a reverberar nos sujeitos que em aula foram atravessados pela arte. Por meio de uma construção horizontal dos temas de cultura e identidade voltado ao Outro, a Oficina de Criatividade fez com que os participantes se sentissem a vontade de colocar suas perspectivas à tona. E nesse sentido, uma contemporaneidade em que o tempo, as interações e conexões são limitados. Possibilitar a experiência e o experimentar arte e cultura se torna revolucionário, inovador.

Referências:

Agência da ONU para Refugiados. Convenção de 1951. Disponível em, <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,ap%C3%B3s%20a%20Segunda%20Guerra%20Mundial. >. Acesso em: 01 mai. 2023

BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. Portal Domínio Público. 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84578>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação ou educação artística na América Latina. Arte e ensino, p. 12-21, 2018.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-24

BARBOSA, Ana Mae, Amaral Lilian. Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo: SENAC/SESC-SP, 2008. 235p

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte-educação descolonial: Formação de professor de arte para um trabalho docente mediador. Revista Educação. v. 16, n.1, p. 63-88, fev., 2021. Disponível em: http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4133/3264. Acesso em: 31 out. 2022.

CARDOSO, Márcia Blanco. XV Seminário Internacional de Educação - Educação e Interdisciplinaridade: percursos teóricos e metodológicos. O Mundo em NH: ação comunitária para refugiados e imigrantes. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326, 2009.

DIAS, Ronne Franklim Carvalho. PERSPECTIVAS DE UM ENSINO DE ARTE COMO CRÍTICA CULTURAL EM BUSCA DA VALORIZAÇÃO DE VISUALIDADES LOCAIS. In: MIRANDA, F.; VICCI, G.; ARDANCHE, M. (Orgs.). Actas del I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual. Dispositivos y artefactos, Narrativas y Mediaciones. Montevidéu, Uruguai: Universidad de la República, 2017.

DEWEY, John. Arte como experiência. 1. ed. Câmara Brasileira do Livro. São Paulo, SP, 2010. 59-83 p.

DUARTE, Júnior. Francisco. Por que arte-educação?. Papirus Editora, 2019. 88. ISBN 978-85-449-0333-9.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L.; Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süssekind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224 p.

FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In: Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 33-52.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Organização Internacional para as Migrações. Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. Disponível em, <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272>. Acesso em: 01 mai. 2023.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte. Revista GEARTE, [S. l.], v. 4, n. 2, 2017. DOI: 10.22456/2357-9854.71493. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/71493. Acesso em: 8 set. 2022.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas. In: Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro, p. 765-771, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf> Acesso em: 3 jul. 2020.

PIMENTEL, L. G. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. ouvirOUver, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 88–98, 2015. DOI: 10.14393/OUV16-v11n1a2015-5. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707. Acesso em: 20 out. 2022.

RIZZI, M. C. de S. L.; SILVA, M. da. Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. Revista GEARTE, [S. l.], v. 4, n. 2, 2017. DOI: 10.22456/2357-9854.71934. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/71934. Acesso em: 8 set. 2022.

ROSA, J. C.; MATTEDI, M. A. NOVAS MOBILIDADES: O PANORAMA ATUAL DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E OS DIREITOS HUMANOS. Ponto de Vista Jurídico, Caçador (SC), Brasil, v. 9, n. 1, p. 7-24, 2020. DOI: 10.33362/juridico.v9i1.2199. Disponível em: https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/juridico/article/view/2199. Acesso em: 31 ago. 2022.

SANTI, Heloise Chierentin e SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2 - Edição 1 – Setembro/Novembro de 2008.

Vítor Macedo
Bolsita CAPES, mestrando em Processos e Manifestações Culturais pela Univesidade Feevale/RS, pós graduado em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense e graduado em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Feevale/RS.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4485-5655
E-mail: vitor.macedo_@hotmail.com

Laura Ribero Rueda
Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Barcelona, Espanha. Pesquisadora e professora da Universidade Feevale/RS, atuando como professora permanente no PPG em Processos e Manifestações Culturais e nos cursos de Artes Visuais e Fotografia. Professora visitante e pesquisadora convidada na Universidade de Murcia, Espanha.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5675-7721
E-mail: laurarueda@feevale.br

Aurora Alcaide Ramírez
Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Granada, Espanha. Pesquisadora e professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Múrcia/ES, onde atua como Diretora do Grupo de Pesquisa Arte e Políticas de Identidade; subdiretora da revista homônima; coordenadora do Grupo de Inovação Docente sobre Arte e Deslocamento: MOVE e coordenadora do Mestrado em Produção e Gestão Artística.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5983-4200
E-mail: alcaide@um.es

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 19 de maio de 2023
Aceito em 27 de agosto de 2023
Editor: Júlia Maria Hummes

ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

CC BY NC SA

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/.